

Terraplanismo - 26/03/2020

A partir de 2013 começou um processo de radicalização de um tipo de opinião a favor de “direitos individuais” que traz a reboque um empreendedorismo cego aliado ao cerceamento do debate. Eleito o inimigo, naquele momento coisa simples, fácil e óbvia, sedimenta-se o caminho rumo à negação da ciência, apego ao Deus provedor das igrejas e um movimento direitista sutil que se apropria das mídias sociais para alienar a maioria da população.

Eleito o novo messias em 2018, o resultado não é somente robôs virtuais que fazem disparos em massa a serviço do gabinete do ódio ou do gado que se vê empoderado no líder, mas toda uma inteligência coletiva degradada. O povo se perdeu, a classe média quer migalhas. Essa camada sempre semi-favorecida, mas nunca abandonada, sempre flutuando por cima dos que carregam o piano, tal classe, sim, trabalhadora também, emburreceu.

É triste e tenho dó deles. Tenho dó porque estão além das possibilidades. Repulsam a crítica. Criam mitos brucutus e artificiais. Há tanto debate na esquerda, nos blogs sujos, na academia. Há, também, eventualmente, erros, ideologia. Mas as sobras que são jogadas para essa camada que (benza deus!) agradecem, é um filme monocromático. Vide Jornal Nacional e o desfile de economistas coxinhas, um monólogo chato e sonolento. Não há diversidade.

Será que eles (classe média) merecem? Ou será que não fomos capazes de formar uma sociedade mais emancipada? O discurso raso, o viver utilitário (trabalho-resultado), o mercado, enfim, tudo isso germina nossa sociedade hipócrita e mesquinha. Mas, eu tenho dó porque eles acham que assim são felizes. E, certamente, não é soberba de minha parte pois sei que só estamos aqui para usufruir enquanto for possível e enquanto deixarem. Depois disso é só o pó.